

Há seis meses Karina me propôs que eu supervisionasse a equipe de educadoras do Espaço Singular, ajudando na sustentação da tarefa tão delicada e importante que desempenham e que ao mesmo tempo introduzisse semanalmente no cotidiano do berçário, uma oficina de artes coordenada por uma terapeuta ocupacional sob minha supervisão.

Aceitei esse convite, apoiada em minha prática-clínica como terapeuta ocupacional na área de Saúde Mental e em minha experiência com supervisão de equipes e instituições.

A introdução do olhar da Terapia Ocupacional no cotidiano do berçário veio com o objetivo de ampliação dos espaços de saúde, tanto para as crianças como para as educadoras.

Tanto terapeutas como educadores no trabalho com crianças, passam inevitavelmente a fazer parte de seu universo de relações, participando de sua constituição subjetiva, exercendo uma extensão do lugar materno. Segundo VOLICH (2000)¹,

"aquele que cuida deve deparar-se com a compreensão de que, antes mesmo das competências técnicas necessárias, seu desejo de vida e de desenvolvimento do outro é um elemento essencial para que este outro responda ao gesto do cuidar... a função materna, tal como a compreendemos, constitui-se como paradigma do cuidar."

Acredito que a repercussão desse aspecto inerente ao trabalho com crianças, é um dos pontos fundamentais que merecem uma atenção especial em meu trabalho de supervisão das educadoras.

Tenho circulado pelo berçário e acompanhado as equipes de cada sala. Cada equipe tem sua singularidade, mas o traço comum entre todas é que são constituídas por educadoras muito implicadas em sua tarefa. E é essa implicação, fundamental, que traz paradoxalmente a necessidade da abertura de espaços de escuta e cuidado para elas.

A supervisão tem por objetivo dar lugar à reflexão e expressão dos processos subjetivos que são desencadeados em cada uma delas no dia a dia do cuidado com essas crianças.

O lugar que este trabalho tem para cada uma, a construção e qualidade dos laços afetivos com as crianças, com as colegas de equipe, com a instituição e os diferentes afetamentos decorrentes de tudo isso, são alguns dos aspectos que venho acompanhando em meu trabalho com elas. Acredito ser esse o caminho a ser trilhado.

A demanda desse intenso trabalho com as crianças impõe um ritmo também muito próprio a instituição e sua equipe. A cada encontro constato boas mudanças e transformações. Provavelmente decorrentes do entrelaçamento das várias instâncias de sustentação do projeto pedagógico com a introdução desse espaço de cuidado.

Sonia Ferrari

1. VOLICH R. M. (2000), O cuidar e o sonhar: Por uma outra visão da ação terapêutica e do ato educativo, **O Mundo da Saúde**, v.24, no.4, julho/agosto 2000, p.237-245.